
O Método Dialético Segundo o Capítulo Conclusivo da Lógica Hegeliana: A Primeira Tríade Dialética (§§ 12-17)

The Dialectical Method According to The
Conclusive Chapter of Hegel's Logic: The First
Dialectical Triade (§§ 12-17)

Camilo José Jimica¹

Resumo: No artigo, tematiza-se o debate contemporâneo a respeito da estrutura da primeira tríade dialética e da legitimidade das interpretações de Höslé sobre os aspectos da transição do movimento dialético da parte do capítulo conclusivo da *Ciência da Lógica* de Hegel, compreendida como discurso humano. O objetivo é esclarecer quando é que o método dialético de Hegel pode ser ou não considerado irracional. Para atingir este objetivo, apresenta-se a reconstrução das teses do desenvolvimento dos movimentos dialéticos da primeira tríade, segundo Iber, buscando uma melhor valorização e compreensão da concepção da ideia absoluta como unidade do conceito e da realidade. Em suma, vai-se mostrar, de forma mais detalhada, o valor e a importância da reflexão de Hegel sobre o método.

Palavras-Chaves: dialética; movimento; contradição; Iber; Hegel.

Abstract: In the article, I discuss the contemporary debate regarding the structure of the first dialectic triad and the legitimacy of the interpretations of Höslé concerning aspects of the transition of the dialectical movement understood as human speech from part of the concluding chapter of the Science of Hegel's Logic. My objective is to clarify when Hegel's dialectical method can be considered rational and when it must be considered irrational. To achieve this goal, I review Iber's reconstruction of the theses on the development of the dialectical movements of the first triad, in which he seeks a better appreciation and understanding of the notion of the absolute idea as the unity of concept and reality. In short, I will show the value and significance of Hegel's reflection on the method in more detail.

Keywords: dialectic; movement; contradiction; Iber; Hegel.

¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista do CNPq. E-mail: jimicamil@hotmail.com.

Introdução

A ideia de método como consciência da forma do andamento e do desenvolvimento do pensar compreendido tornou-se objeto de grandes discussões. Tudo leva a crer que o conceito de método em Hegel, de repente, não se sabe mais o que é, qual é o seu valor ou legitimidade. Tornou-se, assim, uma das exigências do nosso século tecer claramente algumas considerações sobre a estrutura do método dialético de Hegel, isto é, da primeira tríade hegeliana em que o movimento dialético do conceito apresenta duas estruturas triplas da dialética diversas; ambas as estruturas encontram a sua unidade (integração), portanto, essa integração da quadruplicidade na triplicidade, Hegel chamou de primeira tríade dialética. No entanto, a dialética é um dos modelos de conceber método próprio à filosofia em Hegel.

Neste sentido, o objetivo de Hösle é submeter a uma análise de natureza crítica do sistema de Hegel como um todo orgânico, em toda a sua totalidade. Nesta análise, Hösle não se contenta com a mera apresentação, mas sim ele tenta verificar se a coerência interna do método pretendida por Hegel foi, de fato, alcançada.

O autor do Sistema de Hegel explica as considerações de Hegel sobre o seu método, expostas no capítulo conclusivo da *Ciência da Lógica*, a partir das aporias internas das filosofias que a precederam diretamente. No presente texto sobre o método de Hegel, são tratados e resolvidos problemas de derivação histórica, dos filósofos predecessores de Hegel, por exemplo, Kant, Fichte e Schelling, que levantaram questões sobre o idealismo, mas não conseguiram dominar satisfatoriamente. Com este objetivo, Hösle pretende também destacar a forma básica da argumentação específica de Hegel. Concretamente, Hösle dedica-se a esclarecer quando é que o método de Hegel pode ou não ser libertado da suspeita de irracionalidade ao qual está frequentemente associado.

É neste contexto que começa a discussão entre o Prof. Iber e Hösle sobre o panorama do assunto do método dialético, o capítulo conclusivo da Lógica hegeliana. Iber trata de analisar cuidadosamente a estrutura do método dialético hegeliano. No decurso do argumento, a primeira tríade dialética é discutida e justificada em detalhe. Ele trata as precisões e os argumentos às teses dos movimentos dialéticos que não podem ser esgotadas em poucas palavras. O

seu interesse reside precisamente na sua exposição e no seu desenvolvimento das dialéticas.

O que se quer quando se pergunta pelo método dialético de Hegel? Ora, quer-se saber de coisas como a análise do movimento, do ponto de virada, da sua estrutura, da coerência interna, dos problemas tratados e não saturados do método. Tenta-se mostrar as razões principais pela qual o método de Hegel falhou ou não a partir da sua ideia absoluta no capítulo conclusivo da CL.

Hösle, ao tecer as suas considerações sobre o método de Hegel expostas no último capítulo conclusivo da *Ciência da Lógica*, começa por avaliar o método de Hegel como um grande progresso. Ele considera que o valor desse método reside no fato de fazer culminar a ontologia de Hegel em uma reflexão sobre o método. Todavia, no referido capítulo conclusivo da CL, Hösle censura a noção de ideia absoluta, evidentemente pelo fato de Hegel querer ir além de Fichte e Schelling no desenvolvimento do idealismo absoluto², querer apresentar uma prova adicional para as estruturas autofundamentantes do supremo princípio, a qual vai além da demonstração de sua iniludibilidade, que, enquanto tal, é descoberta por Fichte praticamente só de modo empírico. Aquela estrutura constitui em Fichte, de modo não mediado, o início, mas, em Hegel, esta instância fundamentante está no final. Entretanto, para Hösle, tal prova direta do absoluto, como Hegel a intenciona, é uma prova negativa por duas razões: i) ela conduziria a um regresso infinito e a suspensão do processo comprobatório conteria um dogmatismo, o qual a filosofia importa evitar; ii) ela contradiria o conceito absoluto, pois tal conceito tornar-se-ia algo dependente, algo fundamentado por alguma outra coisa.

Recorrendo à história da filosofia, Hösle argumenta que a importância dessa parte conclusiva da lógica hegeliana consiste em vislumbrar que Hegel, na lógica subjetiva, não tematiza a dialética³, mas a lógica formal⁴, e Hegel tenta

² Contra esta crítica de Hösle a Hegel, Kesselring tem uma nova interpretação da filosofia idealista de Hegel. Ele propõe que se tem que conceber a substância como sujeito: “os objetos devem ser concebidos como formas de atividades espirituais, como formas ou conceitos que se objetivaram como conteúdo do conhecimento ressaltado porém que o idealismo hegeliano não é subjetivismo, mas um idealismo objetivo no sentido de Dilthey”. Daí que a tarefa da Fenomenologia na filosofia de Hegel: mostrar que o conteúdo ou objeto dado ao saber, algo vindo a ele de fora, nada mais é do que uma ilusão, por meio de cuja superação o espírito revela o que ele é em si. Cf. OLIVEIRA, 2004, p. 147.

³ Iber não concorda com esta posição de Hösle. Para ele, importa compreender qual o status, em Hegel, o conceito de método. Porque a consideração do método fica no fim da lógica? A questão decisiva é: por que a autoconsciência metódica formal da lógica não é apenas um extrato

justificar isso alegando que seria a *lógica formal*, ela mesma, dialética (HÖSLE, 2007, p. 209). Segundo ele, exposições ocasionais sobre o método dialético têm bem pouco a ver com o procedimento realmente seguido por Hegel⁵. Daí Hösle, em sua obra intitulada *O Sistema de Hegel*, mais concretamente na segunda seção do capítulo quatro, analisa mais detalhadamente a estrutura de prova negativa do absoluto e do método da negação determinada, constatando que, na reflexão de Hegel sobre o método, em nenhum lugar da CL, ele trata da prova negativa, da reconstrução metodológica do argumento da ineludibilidade da razão (da inconsistência de sua contestação)⁶, porém, afirma Hösle que a lógica e a filosofia da realidade de Hegel têm de ser lidas como prova indireta da absolutidade da ideia absoluta e da filosofia absoluta dentro do espírito absoluto (HÖSLE, 2007, p. 217). De fato, a lógica segue a estrutura negativa pelo absoluto. Sendo comparada com as outras lógicas, constata-se a diferença existente: as outras lógicas são finitas e a lógica absoluta hegeliana é infinita.

formalizado da lógica, que é somente colocado de lado à lógica, mas sim é um prosseguimento necessário e a consumação da lógica? Ora, se poderia dizer sim justamente isso: o método é nada outra coisa do que a consciência da forma do andamento e do desenvolvimento do pensar compreendendo. Mas obviamente Hegel quer ainda mais.

⁴ D. Henrich formulou, há uma década e meia – que é dialética – ainda permanece sem resposta. A grande tarefa desta discussão, hoje, consiste, então, acima de tudo, em conseguir clareza sobre o rigor e a aceitabilidade da argumentação dialética, ou seja, trata-se, antes de tudo, de articular uma teoria dialética como procedimento argumentativo, portanto, como o problema lógico, o que implica necessariamente levantar a questão da relação entre a lógica formal e a dialética.

Para Puntel, há três correntes na resposta à pergunta sobre as relações entre dialética (entendida em sentido hegeliano) e lógica formal: a) a primeira afirma que Hegel, pura e simplesmente, exclui a lógica formal.; b) a segunda considera ambas compatíveis entre si; c) para a terceira, há uma conexão positiva entre ambas, o que implica, pelo menos, que é impossível interpretar a dialética deixando de fora a lógica formal. Neste caso, a lógica tem que ser considerada numa dimensão interna do lógico no sentido de Hegel (OLIVEIRA, 2004, p. 165). Penso que esta é a posição de Iber, Bavaresco e Kesslerling como veremos adiante e a primeira posição corresponde a de Hösle, da qual resulta este comentário.

⁵ Que o método tem caráter de consumação da lógica, para Iber, parece-lhe ser ligado na pressuposição de que Hegel atribui ao conceito e a seu desenvolvimento absolutidade metafísica. O conhecer compreendendo não descansa no caminho objetivo, mas também não na tematização das formas do pensar, mas na autoconsciência metódica do conceito, porque Hegel atribui ao conceito o caráter metafísico de um sujeito, ou seja, do absoluto que, com isso, é, ao mesmo tempo, a finalidade do mundo. In Seminário de 28/05/2013 sobre Considerações sobre o Status do conceito de método em Hegel, Porto Alegre.

⁶ O que Hösle não entendeu é que: ele não quis compreender a posição de Iber, que o movimento dialético do conceito no método mostra-se como recomprovação do conceito através da insustentabilidade da contradição da sua negação, quer dizer, que o método descreve uma prova negativa da irredutibilidade (a ineludibilidade) do conceito como ideia (unidade do conceito e da realidade). Assim sendo, a posição crítica de Hösle perde a sua força mais adiante no interior deste artigo sobre a estrutura da reconstrução metodológica do argumento da prova negativado absoluto e método da negação. Cf. p. 11 sobre a triplicidade e quadruplicidade, ponto 1.

Neste trabalho, está claro que há muitos pareceres duros, porém plenamente corretos, de vários autores afirmando que, no último capítulo da *Ciência da Lógica*, Hegel não tematiza o método dialético, mas sim se concentra no significado da estrutura da primeira tríade dialética no interior das subdivisões. Portanto, vários autores tentaram avaliar as razões da grande falha de Hegel, no final da primeira seção da *Lógica do conceito*. Em particular, Höhle aponta a falta de respostas e soluções para muitas perguntas colocadas pelo leitor a respeito do método hegeliano. Consequentemente, Hegel quase não contribuiu para tornar transparentes as relações lógicas, para contrapor ao problema do regresso infinito que, no essencial, representa um disfarce complicado de um simples círculo. Enfim, a reflexão hegeliana foi obviamente inútil⁷, mas o método de Hegel é melhor do que a sua reflexão sobre este método (HÖSLE, 2007, p. 212). O valor deste método consiste em utilizar meios que possibilitam uma fundamentação reflexiva de princípios últimos. Assim, a CL hegeliana, vista em termos de história da filosofia, é herança da percepção teórico-fundacional da filosofia moderna de Fichte.

Todavia, a reflexão de Hegel sobre o método, em nossos dias, é melhor do que a interpretação que Höhle assume. Agora, trata-se de demonstrar o caráter ineliminável e valioso deste método. Trata-se de explicar a necessidade de reconstruir cuidadosamente a estrutura do método dialético hegeliano. Para fundamentar a validade da reflexão hegeliana do método, primeiro, Kesselring reconhece que deve muito à interpretação de Hegel de A. Kulenkampff; segundo, ele afirma que há existência de muitas possibilidades de reconstrução do método de Hegel. Ele mesmo enumera as quatro principais:

A tematização de invariantes formais, sobretudo através da interpretação da *Lógica*; b) confronto direto da lógica de Hegel com a lógica formal; c) discussão de um tipo de argumentação paradigmático, que, no pensamento de Hegel, possui um lugar especial, e que sempre retorna, sobretudo na *Lógica*, ou seja, uma temática a partir da qual se espera obter a compreensão do método dialético; d) numa perspectiva da

⁷ A dialética, segundo a compreensão hegeliana, é, para Kesselring, um método que permite extrair tanto todas as categorias ou, respectivamente, as estruturas do desenvolvimento lógico como também todos os meios metódicos para a sua produção a partir da categoria inicial “ser”. Portanto, na categoria ser, já está contida, em princípio, a totalidade concreta do que se segue, e este princípio continua presente, como fundamento, em todas as determinações subsequentes (OLIVEIRA, 2004, p. 159).

história da filosofia⁸ na medida em que é considerada a influência sobre o pensamento de Hegel de pensadores como Kant, Fichte, Hölderlin, Sinclair e Schelling.

Enfim, diga-se que a reflexão de Hegel sobre o método, em nossos dias, é melhor do que a interpretação que Hösle assume. Tratou-se de demonstrar o caráter ineliminável e valioso desse método, ou seja, tratou-se de explicar a necessidade de reconstruir⁹ cuidadosamente a estrutura do método dialético hegeliano.

Nos parágrafos seguintes, apresentam-se as principais linhas de reconstrução e interpretação do método de Hegel, segundo Iber. O grande problema, neste contexto, é explicar os aspectos da transição do movimento dialético hegeliano, conforme Iber, cuja finalidade é compreender o que é o método hegeliano querendo valorizar e libertar a dialética hegeliana de várias críticas a que está sujeita.

⁸ Hösle recorre a esta última possibilidade para censurar o método de Hegel, vislumbrando a ideia de que a importância do panorama sobre o capítulo conclusivo da lógica é revelar que Hegel, na lógica subjetiva, não tematiza a dialética, mas sim a lógica formal como dialética (HÖSLE, 2007, p. 209).

Ao contrário, Iber defende que a única maneira de compreender a filosofia transcendental hegeliana: questionar o que são as categorias em Hegel? Será que Hegel reduz o conhecimento à experiência? A partir daqui, Iber vai entender que Hegel não questiona como é possível o conhecimento, e também Hegel não relaciona as categorias ao “eu penso”. Na verdade, o ideal de Hegel, neste contexto, na opinião de Iber, é de desenvolver a subjetividade pensando mesmo no sistema hegeliano. E este é exatamente um dos pontos que o Seminário de 2013/1 sobre a Ciência da Lógica em Filosofia na PUCRS, orientado pelos professores de Agemir Bavaresco e Christian Iber vai desenvolver-se, reconstruindo os argumentos dialéticos, as teses dos movimentos e a própria estrutura do método dialético como forma de compreender o pensamento filosófico do sistema de Hegel.

Para Kesselring, a única maneira de evitar uma base muito estreita para a compreensão da filosofia hegeliana é a combinação destes quatro caminhos (OLIVEIRA, 2002, p. 144) que a própria filosofia de Kesselring, convincentemente, é o que ele vai fazer apresentando uma proposta correlativa do sistema hegeliano em duas questões fundamentais bem interligadas, que se resumem no seguinte: “o modelo do desenvolvimento cognitivo segundo J. Piaget e o esclarecimento do conceito de dialética no contexto de Hegel ou de uma reconstrução racional do método dialético de Hegel, o que implica relativizar as pretensões hegelianas de articular uma filosofia do absoluto, e isto não só não traz desvantagens em relação ao funcionamento da dialética mas, além disso, permite eliminar o peso metafísico da filosofia de Hegel. O que sobra é uma “teoria genética do conhecimento que explica os degraus sobre as condições do degrau anterior” (OLIVEIRA, 2004, p. 144).

A partir daqui, é possível pensar que ato filosófico de reconstrução racional do método dialético de Hegel é tanto efetivo como possível. De forma alguma, pode-se dissolver os vários aspectos da transição e os respectivos pontos de virada do movimento dialético, por exemplo, para os filósofos Bavaresco e Iber, a divisão dupla da lógica apresenta um problema, isso porque ela não é dialética, na medida em que esta divisão aplica a dicotomia e a tripartição (e só esta última é divisão dialética).

⁹ Bavaresco, Iber e Kesselring são, aqui, tomados como filósofos que não cansam de analisar a estrutura complexa da tríade dialética hegeliana com o objetivo de livrar de alguns críticos o método dialético de Hegel, isto é, em suas análises, tratam de fazer uma reconstrução metódica de todos os movimentos que integram a dialética.

Particularmente, procura-se analisar algumas premissas filosóficas para a compreensão do sentido do sistema de Hegel, através de três momentos diversos da primeira tríade, a saber: a primeira parte abrange os §§ 12-13, um movimento do primeiro universal, um imediato, em que o conceito é analisado em si e para si e manifesta-se como o “outro de si mesmo”. O segundo momento, que abarca os §§ 14-15, trata do aspecto da transição do movimento do segundo ao ponto de virada, isto é, debruça-se sobre a determinação negativa como relação ou referência entre “O outro em si mesmo” e “Outro de um outro”. Conseqüentemente, o segundo é tomado como contradição, pois ele contém, em si, o outro que ele, ao mesmo tempo, exclui de si. Hegel denomina esta contradição do segundo como “a dialética posta por si mesma”. A terceira parte conclui os §§ 16-17 e constitui a análise do terceiro¹⁰, isto é, estuda-se o movimento do ponto de virada do terceiro, analisando, de forma abstrata, a integração da quadruplicidade na triplicidade. Hegel designa esta integração como “a primeira tríade dialética”.

Do primeiro ao segundo.

Trata-se do primeiramente *imediato*¹¹ que é posto como *mediado*, relacionado com um outro que é universal, por sua vez, posto como um particular. Isto é, aborda-se um primeiro universal, um imediato, simultaneamente, o conceito considerado em e para si que se mostra ou manifesta-se como o “outro de si mesmo” (WERLE, 2011, p. 274), com o qual se originou um mediado, um segundo ou negativo.

O *segundo* que, aqui, nasce é o *negativo* do primeiro, considerando o percurso anterior, é o *primeiro negativo* no decorrer do movimento dialético do conceito, que ele elabora também como realidade (BAVARESCO; IBER, 2013, p. 24). Nele, sucintamente, o *imediato (o primeiro)* sucumbiu no outro (no

¹⁰ O terceiro momento é, precisamente, a maneira do relacionamento entre sujeito e objeto, esfera superior e esfera inferior. Ora, é este terceiro momento que, na reconstrução racional, é reconstruído como antinomia estrita. Cf. OLIVEIRA, 2004, p. 149.

¹¹ O desenvolvimento dialético sempre começa, em cada etapa, com o estado de imediatidade ou do conhecimento imediato: a consciência está fixada num objeto e considera a sua estrutura independente dela. No entanto, a ideia de um conhecimento imediato é insustentável, pois conhecimento implica mediação, o que não impede de distinguir-se formas mais imediatas e mais refletidas de conhecimento. Hegel considera conhecimento imediato um conhecimento irrefletido, ou seja, um conhecimento que não tem consciência de sua própria atividade, está fora de si e volta para algo externo. No entanto, a ideia mesma de um conhecimento imediato é um contrassenso, porque conhecer implica mediação (OLIVEIRA, 2004, p. 161).

segundo), porém o outro não é o nada que é tomado como o resultado comum da dialética, mas sim é o outro do primeiro, o negativo do imediato. Portanto, é determinado como o *mediado* (BAVARESCO; IBER, 2013, p. 25), contém a determinação do primeiro em si. O imediato sucumbiu no outro significa que o primeiro sucumbe no segundo, isto é, ele sucumbe no segundo como imediato e permanece contido e guardado no segundo como determinação. É no § 12 onde começa a descrição do método de Hegel. Esta descrição continua até os §§ 13-17. Por conseguinte, fica claro que, do movimento do primeiro ao segundo, começa a tematização do primeiro universal, que este último transforma-se.

§ 12.2. Análise do segundo. O mediado tomado inicialmente ou igualmente de modo imediato é também uma determinação simples. Depois, considerado mais de perto, diferenciado em si, porque contém, em si, a determinação do primeiro.

A insuficiência da forma do juízo para exprimir o especulativo (BAVARESCO; IBER, 2013, p. 23) consiste em expressar um enunciado, por exemplo, o finito é infinito, isto é, este *juízo* mostra que a sua forma em geral e, na maior parte das vezes, a forma imediata do juízo *positivo*, são incapazes de apreender em si o especulativo¹² e a verdade (WERLE, 2011, p. 274).

Enfim, o segundo é uma determinação progressiva do primeiro, por isso, ela engloba o primeiro nele, ou seja, o segundo é o primeiro e o segundo, ambos em um. Mas, acontece que, no segundo, o primeiro está incluído e excluído e isso forma a contradição¹³, porque ele, o segundo, contém, em si, o outro (o primeiro) que ele, ao mesmo tempo, exclui de si.

¹² Para Richli, a afirmação de que, em Hegel, o pensamento não tem consciência de suas atividades e de suas produções significa um profundo desconhecimento da especificidade do discurso especulativo. Segundo ele, Hegel nunca critica a mistura de esferas, mas categorias cujo conteúdo significativo imediato fecha-se a esta mistura. A proposta de Hegel é, então, a consideração das categorias em si mesmas. Cf. OLIVEIRA, 2004, nota 70, p. 161.

A consciência que se afasta de seus objetos e volta-se para a sua atividade é precisamente este processo que Hegel chama de especulativo. Cf. OLIVEIRA, 2004, p. 149.

¹³ O objetivo básico da reconstrução da dialética hegeliana é, para Kesselring, responder à pergunta: como os conceitos são gerados uns a partir dos outros?, e a hipótese é que a dialética hegeliana pode ser entendida como uma tentativa de analisar a constituição paradoxal ou antinômica da autorregulação cognitiva. (...) As antinomias só emergem no procedimento de reconstrução e não existem para a consciência cotidiana que não reúne as suas categorias e, por isso, não capta a contradição. Por outro lado, Hegel considera a antinomia ou respectivamente a contradição, justamente, o motor ou a fonte da dialética, de tal maneira que o argumento que esclarece a estrutura fundamental da antinomia é igualmente o argumento-chave de sua dialética (OLIVEIRA, 2004, p. 159). Enfim, para Kesselring, a lógica hegeliana pode ser exposta como uma conexão regrada de estruturas antinômicas que põe em movimento o desenvolvimento das categorias da lógica.

Esta contradição, por sua vez, conduz ao pensamento do segundo, que ele relaciona-se, excludente ou negativamente a si mesmo. Nesta ordem de ideias, a questão principal da dialética ou do método de Hegel consiste em querer saber como o segundo pode suprassumir a contradição. Em breve, constata-se que o problema reside no fato de Hegel não mencionar tudo o que é necessário para compreender o próprio método sugerido por ele.

§ 14 Do segundo ao ponto de virada

Esta dialética do movimento do conceito significa que a negatividade ou a contradição do segundo ou do primeiro negativo, a sua relação negativa e ao mesmo tempo excludente a si mesma são o que caracteriza o ponto de virada do próprio movimento do conceito. Em outras palavras, o suprassumir da contradição do segundo consiste na síntese imanente do segundo desunido consigo mesmo, na medida em que a sua contradição acontece quando ele mesmo nega-se¹⁴ como negativo ou rejeita-se como um que se encontra consigo na contradição¹⁵, e que, neste encontro, ele transforma-se em um segundo negativo.

O segundo: a relação¹⁶/a referência

O segundo é uma determinação progressiva do primeiro, ele é mediado¹⁷ e pode ser tomado como determinação simples, concomitantemente, ele mostra-se como diferenciado em si e apresenta-se como o mediado.

¹⁴ Neste sentido, cada dissolução das condições de emergência de uma antinomia, através da diferenciação de esferas (o que Hegel denomina negação), deve ser interpretada, por sua vez, como a emergência de uma nova antinomia, só que esta nova antinomia pertence a uma esfera mais alta, o que já constitui uma afirmação central no pensamento de Kulenkampf. Trata-se de um carácter instável das antinomias. Cf. OLIVEIRA, 2004, nota 72, p. 162.

¹⁵ Para Richli, a tese fundamental do modelo dialético de Kesselring é a afirmação de que a antinomia resulta da mistura de esferas decorrente do auto-esquecimento do pensamento. Para ele, a deficiência que se revela através da contradição não consiste na constituição da unidade dos membros da subesfera ou respectivamente das esferas, mas em sua exterioridade. Portanto, a deficiência não diz respeito à unidade enquanto tal, mas a sua forma: os momentos são apenas imediatamente ligados entre si. A finalidade do desenvolvimento é justamente a constituição de uma unidade, cujos membros são postos como totalidade e passam reciprocamente um na direção do outro. (OLIVEIRA, 2004, p. 157).

¹⁶ O essencial para entender o processo do desenvolvimento é compreender a relação, que muda de etapa para etapa, entre a forma e o conteúdo do conhecimento. A princípio, em cada etapa, estes dois pólos não se distinguem em virtude da insuficiência de reflexão da forma, ou seja, a forma e a sua relação ao conteúdo não constituem tema do conhecimento do sujeito. Cf. OLIVEIRA, 2004, p. 149.

¹⁷ Para Iber, o segundo é, sem dúvida, o mediado, mas como tomado, inicialmente, de modo imediato, é também uma determinação simples. Esta determinação simples do segundo vai mostrar-se como excludente do primeiro.

Ele não quer ocupar-se do primeiro, mas, o segundo, esta determinação engloba, nela mesma, o primeiro. Neste sentido, o segundo é uma contradição. A segunda determinação, a negativa ou mediada, é mais adiante, ao mesmo tempo, a *que media*. Em suma, considerada, inicialmente, como determinação simples, mas segundo a sua verdade, ela é uma relação ou referência (BAVARESCO; IBER, 2013/1, p. 23; WERLE, 2011, p. 275), porque ela é:

a) “O outro em si mesmo”, isto é, o negativo, mas do positivo e engloba o mesmo em si, quer dizer, o negativo inclui, em si, o seu outro, o positivo (aqui, trata-se de uma relação de inclusão). Este outro em si mesmo segue uma determinação simples do segundo, significa que o outro é outro em si mesmo, o outro (é o segundo) que exclui¹⁸.

b) “O outro de um outro”, assim, o negativo exclui o seu outro, o positivo, de si mesmo (aqui, ela é uma relação da exclusão). O problema é como identificar duas relações (exclusão e inclusão) nesta sentença de outro de um outro¹⁹.

Assim, o negativo, o primeiro momento inclui o positivo e, no segundo, excluí-o. Importa, aqui, referir que, no § 12, Hegel trata desta relação. E o termo sucumbir é retomado no § 13, concomitantemente, com a ideia de segundo, tomado como determinação simples que exclui o primeiro. A questão que se põe é saber o que isso significa: separação ou concorrência?

c) No § 14, a relação ou referência é o outro não de alguém diante do qual ela é indiferente, e sim é o outro em si mesmo, por isso, a contradição

¹⁸ Neste sentido em que o segundo é tido como determinação simples cuja sua verdade é uma referência porque desempenha as funções de englobar, incluir em si e excluir “o outro em si mesmo”, para Iber, esta relação defendida por Werle não está clara. Em todo caso, Iber relaciona esta frase “o outro em si mesmo” ao segundo como determinação simples que, sob as condições da relação ou da referência, mostra-se como relação exclusiva do primeiro.

¹⁹ Em contrapartida à primeira frase (“o outro em si mesmo”) a frase “o outro de um outro” (genitivo subjetivo!) assegura que o segundo é a determinação progressiva do primeiro. Isso conduz ao pensamento que o segundo é o outro que engloba, nele mesmo, o seu próprio outro, inclui-o, portanto. Então, temos: 1. a exclusão e 2. a inclusão. Porque o segundo inclui o seu outro, o primeiro, cuja exclusão ele é, o segundo pode ser abordado como contradição.

Porque o segundo exclui o que inclui, ele é a relação negativa sobre si. A frase “a relação negativa sobre si” é, portanto, o título para a contradição.

O segundo é, em primeiro lugar, o separado do primeiro e, como tal, impotente. A sua reflexão mostra que ele adentra na concorrência ao primeiro, na medida em que ele inclui o que exclui (o primeiro) e, assim, transforma a sua impotência em potência. Que o segundo dissemina-se pelo primeiro significa potência. Mas esta potência é precária, porque contraditória.

O segundo ou o negativo ganha potência apenas como negativo desunido em si. Enfim, Iber explica que o desabamento da potência do segundo força da sua contradição vai conduzir à comprovação da potência do primeiro no terceiro. O restabelecimento do positivo (primeiro) realiza-se pela reflexão do negativo.

do segundo, Hegel denomina a *dialética posta de si mesma* (BAVARESCO; IBER, 2013/1, p. 24), na medida em que ela engloba, nela mesma, o seu próprio outro (WERLE, 2011, p. 275). O entendimento não pode compreender a contradição do segundo na medida em que este, o segundo, relaciona-se negativamente a si mesmo e isso significa uma autoexclusão do segundo de si mesmo, a qual deixa uma pergunta ainda por responder: como a contradição pode ser superada?

§ 15: 4. O ponto de virada e 5. Do ponto de virada ao terceiro

O ponto de virada é a negatividade. Ela é o ponto simples da relação negativa sobre si mesma (WERLE, 2011, p. 276). A fonte íntima de toda a atividade, do movimento de si vivo e espiritual. Nela, a contradição do negativo torna-se explícita: ela concerne à autoexclusão do negativo como negativo (BAVARESCO, & IBER, 2013, p. 24).

Ela é a relação do negativo sobre si mesmo, o segundo negativo, o negativo do negativo (o negativo desunido). Para Iber, aqui, o negativo relaciona-se quando ele destrói-se como próprio negativo, isto é, negue a si mesmo, é igual à suprassunção da contradição ou à reconciliação consigo mesmo.

A apresentação formal da suprassunção da contradição pela autoaplicação:

Contradição: A e Não-A. A é e A não é termo²⁰. Mas o que isso significa? Para Iber, isso não pode ser conforme a lógica formal, portanto, significa a autoaplicação da contradição (BAVARESCO; IBER, 2013, p. 24).

A e Não-A enquanto expressa a sua forma negativa, isto é, que A não pode ser outro que ele mesmo (não-A), na contradição, o negativo nega-se como negativo que se encontra consigo na contradição, ou seja, ele nega-se a si mesmo. Portanto, a contradição é a relação negativa do segundo a si mesmo ao

²⁰ Eis a explicação Iberiana do sentido e da implicação da Contradição: A e Não-A. Isso significa que A encontra-se na contradição A e Não-A.

A autoaplicação da contradição significa: A que se encontra na contradição A e Não-A relaciona-se a si mesmo. No termo A, tem que ser inserida a fórmula da contradição: A e Não-A. $\rightarrow A: A$ e Não-A.

Daqui resulta: A e Não-A (= contradição) e Não-(A e Não-A) (= não contradição).

Citando Werle, Iber conclui que, através da autoaplicação da contradição do A, surge o pensamento da não-contradição do A. Para Hegel: O negativo nega a si mesmo como negativo que se encontra na contradição consigo mesmo. = suprassunção da contradição. = reconciliação do negativo consigo mesmo. “A relação (reconciliante) do negativo sobre si mesmo” (WERLE, 2011, p. 276).

passo que da autoaplicação da contradição resulta o pensamento da não contradição.

A: A e Não – A expressa o princípio de identidade. A não pode ser ao mesmo tempo A e não - A – tem a forma negativa. No momento da abstração do entendimento, este princípio de identidade é o responsável de separação e distinção das suas determinações. A questão é como a fórmula (A: A e Não – A) pode ser suprassumida devido a esta contradição? A contradição reside no fato de que “A” tem que se relacionar a si mesmo, ou por outra, no termo “A” é inserida a fórmula para a contradição: por exemplo, “A” encontra-se na contradição na fórmula A e Não A. Ele relaciona-se a si mesmo na sua contradição.

A e Não-A e não-(A e Não-A). (Aqui, a contradição consiste em dizer que A não pode ser outro que ele mesmo) e (a não contradição afirma que não A não pode ser outro que não A). Através da aplicação, surge o pensamento da não contradição.

A triplicidade e a quadruplicidade

A *triplicidade* representa o que é o movimento dialético do conceito subdividido em duas estruturas triplas diversas. A primeira estrutura tripla deste movimento é composta por: o primeiro imediato, o mediado e o segundo imediato. A segunda é formada por: o primeiro negativo, o segundo negativo e segundo imediato. E o primeiro imediato, o primeiro negativo e o segundo imediato constituem a terceira estrutura tripla. § 15:5 trata-se da caracterização da dialética do movimento do conceito a partir do ponto de virada até ao terceiro. Neste ponto de virada, o método, o percurso de conhecer, ao mesmo tempo, retorna em si mesmo.

1. *Primeiro imediato.* Esta negatividade, como a contradição que se supera, é o restabelecimento da primeira imediatidade, da universalidade simples. No terceiro, dá-se o restabelecimento da primeira imediatidade pela suprassunção da negatividade do segundo desunido em si. Daqui, resulta a estrutura do terceiro: A unidade da imediatidade e da mediação.

A verdade: a unidade do conceito e da realidade. O conceito pode encontrar a si mesmo na realidade, porque a contradição da realidade (do segundo, do negativo) pode ser suprassumida. Ou seja, porque se dá uma reconciliação na realidade, o conceito pode reconciliar-se com a realidade. (a

contradição impede a possibilidade da reconciliação = a contradição significa a desunião consigo mesmo).

O movimento dialético do conceito no método mostra-se como recomprovação do conceito através da insustentabilidade da contradição da sua negação. O método descreve uma prova negativa da irreduzibilidade (a iniludibilidade) do conceito compreendido como ideia (unidade do conceito e da realidade).

O sujeito²¹: que está posto como o universal e o idêntico dos seus momentos. O sujeito implica a potência do conceito que se dissemina pela realidade. Pode-se, portanto, distinguir a potência reconciliante do conceito e a autorização da realidade contra o conceito que conduz à contradição. Em Hegel, a contradição sempre tem a ver algo com o irracional. O conceito dá, ou seja, realiza a racionalidade em suprasumir a contradição da realidade.

2. O *segundo imediato*. Imediatamente, o outro do outro, o negativo do negativo é o positivo, o idêntico, o universal. Este segundo imediato, em todo o decurso, se quisermos em geral contar, é o *terceiro* em relação ao primeiro imediato e ao mediado. Ele é também o terceiro em relação ao primeiro ou ao negativo formal e à negatividade absoluta ao segundo negativo (BAVARESCO; IBER, 2013, p. 25; WERLE, 2011, p. 277).

Assim sendo, a segunda estrutura tripla da dialética do movimento do conceito, anteriormente referida, entra pela subdivisão do negativo e ambas as estruturas triplas são integradas numa *quadruplicidade* constituída pelas seguintes determinações: o primeiro imediato, o primeiro negativo, o segundo negativo e o segundo imediato.

A triplicidade e a *quadruplicidade* deixam-se, por sua vez, integrar numa triplicidade, na medida em que aquele primeiro negativo já é o segundo termo, então, o que foi contado como *terceiro* pode também ser contado como *quarto* e, ao invés da *triplicidade*, pode ser tomada a forma abstrata como uma *quadruplicidade*. A integração da quadruplicidade na triplicidade é igual à primeira

²¹ No estado de negação, o sujeito aprofunda a sua atenção no objeto que manifesta estruturas, que lhe são atribuídas pelo sujeito, o que significa dizer que, quando o sujeito relaciona-se a estas estruturas, espelha-se em seu objeto de conhecimento e relaciona-se, nele, consigo mesmo. Ora, esta autorreferência é contraditória, o que não é visto pelo pensamento, porque ele não reflete sobre asua ação.

tríade dialética (BAVARESCO; IBER, 2013, p. 25) que corresponde ao primeiro imediato, o primeiro e o segundo negativos mais o segundo imediato.

§§ 16, 17 Análises do terceiro

O terceiro ou o quarto é, em geral, a unidade do primeiro (quer dizer, com o terceiro, no segundo imediato, realiza-se um regresso ao primeiro, isto é, ao *conceito*) e do segundo (*a realidade*) momento, do imediato e do mediado. O reunir-se consigo significa a reconciliação consigo no outro, da realidade.

O terceiro é também segundo *positivo* por meio da suprassunção do negativo. O *terceiro* é o *imediato*, mas por meio da superação da mediação (WERLE, 2011, p. 278). Ele é o simples por meio de superar da diferença, isto é, o simples pelo suprassumir da diferença (BAVARESCO; IBER, 2013, p. 25).

A reconstrução do método hegeliano

O que significa ler o texto de Hegel? Depois da leitura da CL de Hegel, não se sabe nada. Por quê? Muitos filósofos são unânimes em dizer que quase todo leitor não tem condições para decifrar os conceitos de Hegel, isso acontece porque o estilo dos textos de Hegel é uma interpelação ao pensar, visto, primeiro, como atividade de pensamento, síntese do objetivo e subjetivo de pensar, e, em segundo plano, concebido como uma reflexão sobre algo em Hegel. E, por sua vez, o desafio maior deixado por Hegel ao leitor é saber que a verdade, em Hegel, não é um processo, mas sim um movimento, cuja coerência deve ser desenvolvida com argumentos.

A questão fundamental que se põe em relação ao sistema hegeliano é o que é a dialética em Hegel? Esta questão não se põe em relação à atualização da solidariedade paradoxal dos termos opostos, tais como senhor-escravo em que um não existe sem o outro. (Lembre-se que, para muitos leitores de Hegel, esta negatividade desemboca na síntese). Isto significa dizer que o problema da dialética entre senhor e escravo é algo que se está contestando, por parte de Iber, Bavaresco²² e Kesselring²³, antecipa-se o seu fim. Cada um destes filósofos a

²² Ambos analisam o método dialético, a sua estrutura, por exemplo, eles estudam o movimento do ponto de virada do terceiro, analisando detalhadamente, de forma abstrata, a integração da quadruplicidade na triplicidade, quer dizer, analisam a tríade dialética hegeliana que é objeto de reflexão do presente artigo.

respeito do método hegeliano é, pois, um reconstrutor dos pontos centrais do movimento da tríade dialética hegeliana, na medida em que não se concentram apenas no significado da estrutura tricotômica (tese, antítese e síntese).

Assim, panorama do assunto sobre o capítulo método dialético segundo o capítulo conclusivo da lógica hegeliana versa abstratamente a respeito do problema sobre como a dialética do movimento do conceito decorre: o sistema de Hegel define o método como o conceito compreende a si mesmo e concebe a ideia absoluta como unidade do conceito e da realidade. A unidade é tomada como princípio do movimento dialético da realização do conceito. Para Iber, epistemologicamente, o movimento dialético compreende-se antes como método do conhecer e, depois, como método de uma metafísica afirmativa da reconciliação do conceito e da realidade por meio do conceito.

A estrutura do terceiro consiste na unidade da imediatidade e da mediação²⁴, na verdade, como unidade do conceito e da realidade. O singular, o concreto, o sujeito que está posto para si²⁵ como o universal e o idêntico dos seus momentos, assim como o que inicia é o universal, o resultado, é o singular, o concreto, o sujeito²⁶; o que aquele é em si, este é do mesmo para si²⁷, o

²³ Kesselring faz uma reconstrução racional da dialética no sentido de Hegel. Faz, de entrada, considerações fundamentais para a compreensão de alguns conceitos importantes da dialética hegeliana. Numa palavra, o modelo de dialética desenvolvido por Kesselring tem, como ideia central, a afirmação de que, em cada degrau cognitivo, pode-se construir uma antinomia e que a emergência da moldura cognitiva do degrau seguinte pode ser vinculada à eliminação das condições que possibilitam a construção da respectiva antinomia. A dialética tem, então, a ver com processos de desenvolvimento, sobretudo, com o desenvolvimento das estruturas lógicas (OLIVEIRA, 2004, p. 162).

²⁴ A dialética entende-se assim como uma sequência de estados: imediatidade, primeira negação, segunda negação ou negação da negação, a que se segue uma nova imediatidade e, assim, sucessivamente, e, dessa forma, gera-se uma multiplicidade de conceitos. O desenvolvimento e a diferenciação dos conteúdos ocorrem através do crescimento, em etapas, dos níveis de reflexão. (OLIVEIRA, 2004, p. 162).

²⁵ A demonstração de “reflexões em si”, de círculos, pensamentos como automovimentos, constitui, para Kesselring (tanto para Iber), um momento essencial da dialética hegeliana e, na medida em que algo que primeiro era apenas em-si vem a ser posto, assume o *status* do *ser* para a consciência (ser- para-si). Cf. Oliveira, 2004, p. 145.

²⁶ Há uma diferença fundamental entre Hegel e Piaget. Ela constitui, para Wetzell, o limite fundamental da teoria de Piaget: todo o processo de desenvolvimento do conhecimento orienta-se na direção do conhecimento matemático enquanto forma suprema do conhecimento, o que não deixa lugar para o que propriamente é a concepção dialética de conhecimento. Cf. OLIVEIRA, 2004, p. 144.

²⁷ Um elemento central no desenvolvimento espiritual, na dialética hegeliana, é que aquilo que inicialmente é “em-si”, num degrau superior do desenvolvimento, torna-se “para-si”, ou seja, ele sabe de si, possui autoconsciência. Algo é para-si quando a consciência volta-se para si, reflete sobre si.

universal está posto no sujeito²⁸. O sistema de Hegel pretende apreender o movimento e o silogismo. Nele, a singularidade inclui o sujeito. O meio termo entre o primeiro e o segundo negativo é a particularidade. O segundo é a verdade e o sujeito²⁹.

Conclusão

Nesta parte final do artigo, tem-se a salientar que Iber não concorda com a posição crítica de Höhle em relação às explicações de Hegel sobre o seu método, segundo o qual este método dialético hegeliano não tem coerência interna. Ou seja, Höhle tentou censurar o método de Hegel ao defender a ideia de que a importância do panorama sobre o capítulo conclusivo da lógica é revelar que Hegel, na lógica subjetiva, não tematiza a dialética, mas sim a lógica formal como dialética. Estas ideias críticas provocaram várias reações, assim sendo, por exemplo, para Iber, importa compreender qual o status que tem, em Hegel, o conceito de método, mais especificamente, porque a consideração do método fica no fim da lógica. Neste sentido, a questão decisiva apontada por Iber consiste em saber por que a autoconsciência metódica formal da lógica não é apenas um extrato formalizado da lógica, que é somente colocado de lado à lógica, mas sim é um prosseguimento necessário e a consumação da lógica?

Esta pergunta foi respondida afirmando apenas que o método é nada outra coisa do que a consciência da forma do andamento e do desenvolvimento do pensar compreendendo. Mas, obviamente, outra pergunta que surgiu paralelamente aquela é a de saber o que é dialética como problema lógico. Esta questão implicava levantar o problema da relação entre a lógica formal e a dialética hegeliana. A este respeito, Höhle acredita que Hegel, pura e

²⁸ O tema central da dialética hegeliana é, segundo Kesselring, o desenvolvimento do espírito (do sujeito) com uma dupla meta: análise dos processos de desenvolvimento e a apreensão e expressão do verdadeiro não como substância, mas como sujeito, que vai surgindo e configurando-se gradualmente. Cf. OLIVEIRA, 2004, p. 144.

²⁹ Isto é, para Iber e Kesselring, uma decorrência necessária do próprio programa de Hegel de conceber o verdadeiro não como substância, mas como sujeito. É importante acentuar, neste contexto, que desenvolvimento, para Hegel, é um fenômeno espiritual, é nesta perspectiva que Thomas Kesselring interpreta a afirmação de Hegel, no primeiro volume da *Ciência da Lógica*, de que o conteúdo da lógica é a exposição de Deus como Ele é, em sua essência eterna, antes da criação da natureza e do espírito finito, sem nenhum horizonte metafísico-teológico: a lógica seria a exposição ideal, típica das funções e estruturas do desenvolvimento do espírito finito. E isso independentemente de todos os processos fáticos de evolução. Em geral, a *Lógica* seria a exposição ideal típica da filogênese humana no que diz respeito a seu conteúdo racional, e só se pode tratar de processos de desenvolvimento na natureza, porque a natureza é exteriorização do espírito: a natureza é o espírito não consciente de si. (OLIVEIRA, 2004, p. 148).

simplesmente, exclui a lógica formal. Entretanto, Iber pensa que há uma conexão positiva entre ambas, o que implica afirmar que é impossível interpretar a dialética deixando de fora a lógica formal. Neste caso, a lógica tem que ser considerada numa dimensão interna do lógico no sentido de Hegel.

Certamente, o método tem caráter de consumação da lógica, na medida em que, para Iber, parece-lhe ser ligado na pressuposição de que Hegel atribui ao conceito e a seu desenvolvimento absolutidade metafísica. Isto é, o conhecer compreendendo não descansa no caminho objetivo, mas também não o faz na tematização das formas do pensar, mas sim na autoconsciência metódica do conceito, porque Hegel atribui ao conceito o caráter metafísico de um sujeito, ou seja, do absoluto que, com isso, é, ao mesmo tempo, a finalidade do mundo.

No artigo, ficou claro que o sistema de Hegel tem valor, visto que o movimento dialético do conceito no método mostra-se como recomprovação do conceito através da insustentabilidade da contradição da sua negação, quer dizer que o método descreve uma prova negativa da irreduzibilidade (a iniludibilidade) do conceito como ideia (unidade do conceito e da realidade). Em outras palavras, a dialética, segundo a compreensão hegeliana, é, para Kesselring, um método que permite extrair tanto todas as categorias ou respectivamente as estruturas do desenvolvimento lógico como também todos os meios metódicos para a sua produção a partir da categoria inicial “ser”. A dialética tem, então, a ver com processos de desenvolvimento, sobretudo, com o desenvolvimento das estruturas lógicas, ou seja, na questão do método dialético segundo o capítulo conclusivo da ciência da lógica hegeliana apresenta-se uma estrutura formal definida e distinta que seja o princípio formal geral de todo o desenvolvimento do sistema hegeliano (maduro).

Em suma, esta é uma das maneiras de defender ou compreender alguns argumentos da importância das teses do desenvolvimento dos movimentos dialéticos visando à reconstrução e liberação da primeira tríade das suspeita e críticas de incoerência e/ou irracionalidade a qual estava sujeita.

Referências Bibliográficas

- BAVARESCO, Agemir & IBER Christian. *Manual II para o Seminário Introdução à Ciência da Lógica de Hegel*. Porto Alegre, 2013/1. p. 23-25.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica*. Seleção e tradução Marco Aurélio Perle. São Paulo: Barcarolla, 2011. §§ 12-17.

- HÖSLE, Vittorio. *O sistema de Hegel: o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Edições Loyola, São Paulo: Brasil, 2007. p. 208-216.
- KESSELRING, Thomas. “A dialética enquanto teoria antinômica do desenvolvimento conceitual.” In: OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Dialética hoje. Lógica, metafísica e historicidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 137-164. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=fr&id=Q9EgNBeiK68C&q=kesselring+#v=snippet&q=kesselring&f=false>. Acessado em 17 de Julho de 2013.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Tópicos sobre Dialética*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, pp.5-103.
- _____. *Dialética hoje. Lógica, metafísica e historicidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. O Debate sobre a Dialética Hoje. In: Carlos Roberto V. Cirne-Lima (Org.). *Veritas*, Revista Trimestral de Filosofia da PUCRS, Porto Alegre, v. 43, nº 4, Dezembro 1998, p. 897-925.
- UTZ, Konrad. O Método Dialético de Hegel, In: *Veritas*, Revista Trimestral de Filosofia da PUCRS, Porto Alegre, v. 50, nº 1, Março 2005, p. 166-185.

Data de Recebimento: 19/07/2013

Data de Aprovação para Publicação: 21/07/2013